

A cultura da festa Dasîpê: uma das festas tradicionais do povo Akwê-Xerente

Aparecida Pereira da Silva Xerente¹

Kênia Gonçalves Costa²

Sandra Rodrigues da Silva Milhomem³

RESUMO

Este artigo surgiu a partir dos debates realizados na disciplina de Cultura, Território e Interdisciplinaridade. O objetivo deste trabalho é um debate sobre os saberes indígenas a partir da teoria apresentada na disciplina de Cultura, Território e Interdisciplinaridade do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território. O tema deste trabalho faz parte da pesquisa do mestrado da primeira autora, em que, ocupando seu lugar de fala, a primeira autora busca dar visibilidade na cultura Akwê-Xerente à festa Dasîpê e outras práticas culturais nos territórios do povo Akwê-Xerente. A metodologia utilizada é pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. O povo Akwê-Xerente é bilíngue e vive no território delimitado pela FUNAI, na região do município de Tocantínia/TO. Utilizamos neste trabalho vários autores da etnia Akwê-Xerente, entre eles: Afonso Tikwa Xerente (2014), Noemi da Mata de Brito Xerente (2012), entre outros, com o objetivo de apresentar a cultura deste povo não a partir da visão eurocêntrica, mas decolonial dos intelectuais indígenas. Recorremos também às perspectivas teóricas de não indígenas, dentre eles: Homi Bhabha (2007), Stuart Hall (2016), Rogério Haesbaert (2007), para contribuir nas discussões de cultura e território, e o diálogo entre os diferentes saberes é balizado na perspectiva interdisciplinar de Olga Pombo (2008).

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Festas. Povo Akwê-Xerente.

La cultura de la fiesta Dasîpê: una de las fiestas tradicionales del pueblo akwê-xerente

RESUMEN

Este artículo surge de los debates sostenidos en la asignatura de Cultura, Territorio e Interdisciplinariedad. El objetivo de este trabajo es un debate sobre los saberes indígenas a partir de la teoría presentada en la asignatura de Cultura, Territorio e Interdisciplinariedad del Programa de Posgrado en Estudios de Cultura y Territorio. El tema de este trabajo es parte de la investigación de maestría de la primera autora, en la que, ocupando su lugar de expresión, la primera autora busca dar visibilidad a la cultura akwê-xerente a la fiesta Dasîpê y a otras prácticas culturales en los territorios del pueblo akwê-xerente. La metodología utilizada es la investigación documental y la investigación bibliográfica. El pueblo akwê-xerente es bilingüe y vive en el territorio delimitado por la FUNAI, en la región del municipio de Tocantínia (estado de Tocantins, Brasil). En este trabajo se utilizaron varios autores de la etnia akwê-xerente, incluyendo a Afonso Tikwa Xerente (2014), Noemi da Mata de Brito Xerente (2012), entre otros, con el objetivo de presentar la cultura de este pueblo no desde la perspectiva eurocéntrica, sino desde la perspectiva descolonial de los intelectuales indígenas. También recurrimos a las perspectivas teóricas de no indígenas, incluyendo a Homi Bhabha (2007), Stuart Hall (2016), Rogério Haesbaert (2007), para contribuir a las discusiones sobre cultura y territorio, mientras que el diálogo entre los diferentes saberes está basado en la perspectiva interdisciplinaria de Olga Pombo (2008).

PALABRAS CLAVES: Cultura. Fiestas. Pueblo akwê-xerente.

¹ Escola Indígena Sromnê. Tocantínia, Tocantins, Brasil. E-mail: aparecidakuzadi237@gmail.com.

² Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Araguaína, Tocantins, Brasil. E-mail: kenia.costa@ufnt.edu.br.

³ Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Araguaína, Tocantins, Brasil. E-mail: sandra.milhomem@ufnt.edu.br.

Introdução

A escrita deste trabalho foi fruto de discussões realizadas no curso da disciplina Cultura, Território e Interdisciplinaridade, que a primeira autora fez no mestrado e com as outras autoras. A referida disciplina traz como ementa a interdisciplinaridade e ecologia dos saberes e a geopolítica do conhecimento, debatendo os conceitos de cultura e território, levando em consideração o lugar, paisagem e a identidade regional. Esta proposta teve como base vários estudiosos que nos possibilitaram produzir este artigo a partir dos debates e leituras durante as aulas. Este estudo também emerge da trajetória pessoal da primeira autora e sua participação ativa na festa Dasĩpê, experiência que lhe permitiu acompanhar de perto as transformações pelas quais esse ritual vem passando.

O objetivo é dar visibilidade a uma festa tradicional da cultura Akwẽ-Xerente, possibilitando a academia ter um conhecimento melhor sobre os saberes desse povo, descrever sobre a cultura, trazer alguns detalhes sobre os rituais de nomeação de meninos e meninas da etnia Akwẽ-Xerente. A primeira autora recebeu o nome Akwẽ-Xerente de Kuzadi, que significa “onça suçuarana”, provavelmente para outras etnias tenha outro significado, no entanto o que nos interessa neste artigo é a cultura Akwẽ-Xerente.

Vários antropólogos ou estudantes das ciências humanas têm pesquisado sobre o povo Akwẽ-Xerente, no entanto acreditamos na importância de realizar esta pesquisa trazendo uma interpretação da cultura Akwẽ-Xerente por uma pessoa desse povo. Assim, é relevante tratar de alguns termos e conceitos com a visão de dentro para fora.

Segundo Soares e Debortoli (2018), o povo Akwẽ-Xerente é reconhecido por sua sociabilidade e disposição para o diálogo com os não indígenas. No entanto, essa abertura nunca impediu os Akwẽ-Xerente de manter viva sua força ancestral, sua bravura e sua resistência. Em meio a um processo histórico marcado por tentativas de apagamento, com a catequização forçada, a invasão de seus territórios e a dizimação de muitos de seus parentes, os Akwẽ-Xerente seguem resistindo. Preservam sua língua materna, sua cultura e os modos próprios de se relacionar com o mundo, reafirmando diariamente sua identidade enquanto povo originário que não se deixou silenciar.

Os Akwẽ-Xerente residem no estado de Tocantins, na cidade de Tocantínia, reunidos em 67 aldeias nos municípios de Tocantínia e Rio do Sono, sendo que a aldeia Kripre fica a doze quilômetros da cidade de Tocantínia. Dentro da cosmologia indígena, a nomeação masculina e feminina segue um ritual tradicional de muita importância. A escolha do nome tem uma representação muito forte para o povo Akwẽ-Xerente, e um momento de felicidade em que são compartilhadas várias práticas culturais de diversões e brincadeiras competitivas como a corrida com a tora, entre outras, que iremos trabalhar no decorrer deste artigo.

A população Akwê-Xerente é dividida em postos indígenas, uma divisão para facilitar a dinâmica de atendimento da FUNAI, uma organização dos não indígenas, mas assimilada pelo povo Akwê-Xerente. Como podemos observar na citação:

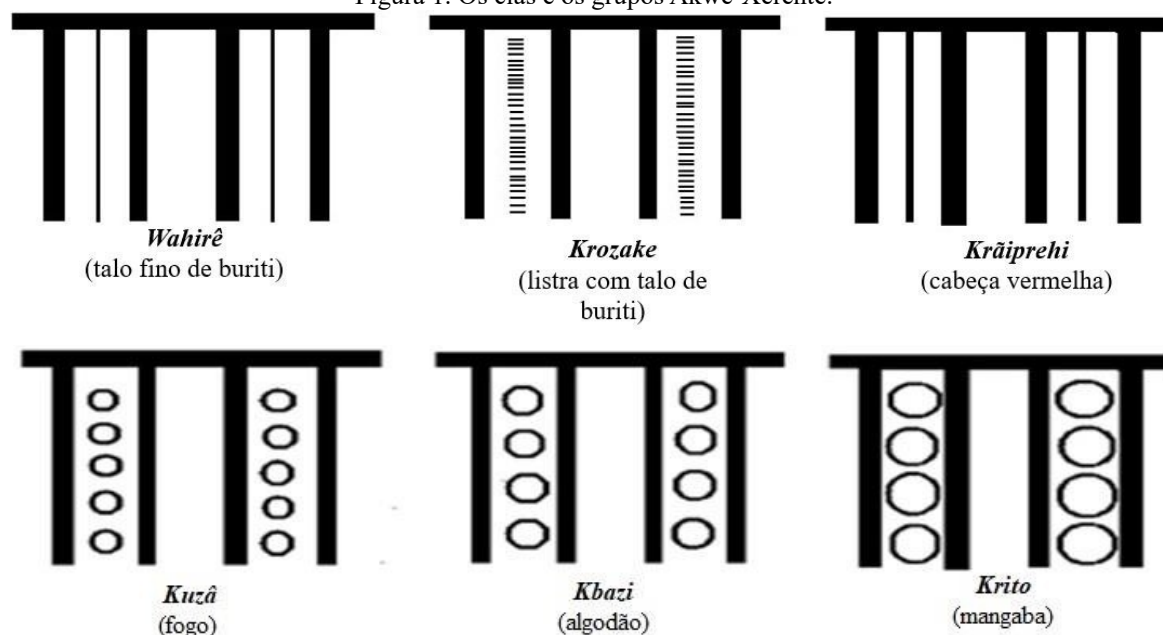
Assim temos que o (PIX), que é população Indígena Xerente, o Posto Indígena Funil (PIF), da aldeia Funil Sakrêpra, também habitada por *Akwê* Xerente, o Posto Indígena Brejo Comprido (PIC), da aldeia Brejo Comprido *Kâwrakurerê*, também *Akwê* Xerente, o Posto Indígena *Brupre* (PIB) população Indígena da aldeia *Brupre* é também Xerente, Posto Indígena Rio Sono *Ktêkakâ* (PIR), população Indígena da aldeia Rio Sono *Ktêkakâ* é também Xerente (TIKWA XERENTE, 2014, p. 3).

Os povos indígenas aceitam esta organização levando em consideração que a FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas) terá uma maior facilidade de proteção do povo Akwê-Xerente dentro da reserva, como também o registro de nascimento e outros documentos exigências da burocracia dos não indígenas, mas que são condicionados ao acesso às políticas públicas, que para tanto os Akwê-Xerente são obrigados a se submeter ao nome não indígena.

O povo indígena Akwê-Xerente acredita na tradição e compartilha estes costumes e lendas com os mais jovens na esperança de que mantenham viva estas práticas. Uma das lendas que acreditamos ser importante apresentar neste trabalho é de uma prática cultural usada durante a festa Dasîpê, a corrida de tora, como Tikwa Xerente (2014) descreve na história do *wrãwawê* (tatu), na obra “A corrida de toras entre os Akwê-Xerente”. Neste relato o autor conta a história da origem da corrida da tora, em que dois indígenas saíram para caçar e encontraram um buraco de *wrãwawê* (nome que se dá ao tatu-canastra em nossa língua) e um dos indígenas entrou no buraco procurando o tatu, mas não encontrou, o tatu ficou para trás e começou a falar com o indígena, o empurrando para frente. O irmão indígena procurou o outro e não encontrou, então voltou para casa e chorou um *dedasiwakô* (choro de ritual). O tatu guiou o outro indígena até um lugar em que acontecia uma festa o Dasîpê, que era festa dos tatus. O tatu que orientou como deveria ser a tora de buriti a ser carregada durante a festa, e assim iniciou a tradição da corrida de tora na festa Dasîpê (TIKWA XERENTE, 2014).

São utilizadas toras grandes que são carregadas sempre por dois indígenas, Htâmhã e Steromkwa, representando clãs diferentes. Os clãs são divididos em seis, a saber: Kuzã, Kbazi, Krito e os clãs correspondentes Wahirê, Krozake e Kräiprehi (Figura 1). Na ocasião da festa todos estes clãs interagem para a realização da cerimônia da nomeação masculina, nesse processo realizaram-se as preparações de adorno de clãs defrontes em recíproca. Após a preparação de ensaios, as cerimônias são realizadas.

Figura 1. Os clãs e os grupos Akwê-Xerente.



Fonte: dados da pesquisa (2021).

As toras são tiradas no ato e colocadas em pé no pátio da aldeia (*warã*), como podemos observar na Figura 2. Tem a corrida dos homens, a corrida dos meninos e a corrida das mulheres. A corrida das mulheres e das crianças tem a distância de 500 metros e 1 quilômetro e faz parte da saúde e fortalecimento do corpo, não acontece apenas na festa do Dasîpê, mas em várias cerimônias na aldeia. Estas competições acontecem como uma partida de futebol, em que um elemento do grupo grita na língua materna gritos de incentivos e a distância da corrida. Também as corridas das mulheres e das crianças são acompanhadas por um grupo de torcedores. Entre as mulheres são divididas em corrida das mulheres casadas e das mulheres solteiras (TIKWA XERENTE, 2014).

Figura 2. Toras de buriti utilizadas no ritual no pátio da festa.



Fonte: Afonso Tiikwa Xerente, 3 de agosto de 2012.

Dentre as práticas culturais realizadas na festa o Dasîpê, destacamos os cantos cerimoniais, que são muito importantes para os Akwê-Xerente. Cada canto é cantado em rituais diferentes e traz significados variados e são carregados de sentidos. Neste artigo destacamos os cantos de nomeação masculina e feminina, pois têm grande importância para os Akwê os cantos de nomeação, tendo em vista que estão impregnados na memória de cada pessoa que recebeu o nome e faz parte de sua história, pelo fato de ter sido cantada no momento que este recebeu o seu nome, trazendo alegria e felicidade para os participantes do cerimonial. Estes cantos têm a finalidade de unir a comunidade em torno deles (SÕPRE XERENTE, 2015).

A interdisciplinaridade, conforme lido e discutido no programa e mesmo na disciplina, é no sentido que Olga Pombo (2008) diz que este conceito pode ser evocado sempre que nos depararmos com limites do nosso território de conhecimento com outros saberes produzidos pelo outro. Neste sentido a troca de saberes do povo Akwê-Xerente com o conhecimento do meio acadêmico pode ser considerada como saberes interdisciplinares.

A metodologia utilizada neste trabalho é da pesquisa-ação, no sentido de que a pesquisadora (primeira autora) está inserida no âmbito da pesquisa, mas também é necessária a utilização da metodologia da pesquisa bibliográfica, nos tratamentos de fontes selecionadas nas plataformas digitais como SciELO e Google Acadêmico, bem como os trabalhos desenvolvidos pelos estudiosos Akwê-Xerente. Cabe ressaltar que a inserção da primeira autora na festa Dasîpê ocorreu tanto em caráter pessoal quanto acadêmico, proporcionando-lhe um olhar aprofundado sobre práticas, significados e mudanças, especialmente diante das influências da religião cristã em sua comunidade.

A pesquisa-ação utilizada neste trabalho é balizada pela perspectiva de Thiollent (1988), que defende a base empírica da pesquisa associada à teoria, de forma que o participante esteja incluído na resolução da problemática apresentada no trabalho. Quanto à metodologia de pesquisa bibliográfica, nos baseamos na perspectiva de Marconi e Lakatos (1992), que aponta a necessidade de realizar um levantamento de obras, artigos, ensaios sobre o tema pesquisado e publicado em forma de livros, revistas eletrônicas ou artigos acadêmicos. Tem como finalidade possibilitar ao pesquisador analisar determinado assunto auxiliando na manipulação de suas informações.

Em relação ao estudo cultural realizado nesta pesquisa, nos aportamos do pensamento de Bhabha (2007) e Hall (2016). Bhabha possibilita estudar a cultura indígena Akwê-Xerente, com respeito e uma visão decolonial. O autor defende que não existe uma cultura tácita superior, mas todas elas são híbridas, e são construídas através do tempo, do espaço e da convivência com outras culturas. Neste sentido percebe-se que apesar da resistência do povo Akwê-Xerente em manter sua cultura pura, a tradição e a língua materna preservadas, alguns elementos sofreram transformações.

A cultura “não é tanto um conjunto de coisas” (HALL, 2016, p. 20), mas um conjunto de práticas, crenças, normas e valores que definem o nosso modo de vida. Ela tem suas raízes nas práticas cotidianas e nas interações sociais que estabelecemos, refletindo a diversidade das experiências de nosso povo e, por isso, a pluralidade de expressões socioculturais nas quais, percebe-se que, mesmo defendendo as tradições culturais, preservando a língua materna, os saberes e os rituais, alguns elementos passaram por transformações ao longo do tempo. Essas mudanças, longe de representar uma perda, são reflexo de diálogos que estabelecemos com outras culturas, conforme apontado por Hall (2016), e mostram como a cultura se transforma no mundo contemporâneo.

Um dos exemplos de mudanças na cultura se dá na forma da preparação da festa de nomeação, como narra Tikwa Xerente (2014): “[a]ntigamente o pajé dormia junto ali para vigiar por causa dos antepassados, que já falecidos, podiam brincar com a tora e depois podia ocorrer alguns atropelamentos ou fraqueza durante a corrida”. Mas agora não acontece mais desta forma, as preparações das toras duram dois dias, no entanto os pajés não ficam mais em vigília. Neste sentido percebe-se que, por mais que se mantenha as tradições, as transformações parecem inevitáveis. Para compreender esses momentos rituais e festivos, precisamos adentrar no território.

1. Território em disputa

A disputa por espaço e a delimitação de território com a conquista de novos limites nas terras que hoje são brasileiras aconteceram mesmo antes da chegada de Cabral. Portugal e Espanha mantinham uma disputa jurídica sobre essa terra antes mesmo de existir poder judiciário no Brasil. O Tratado de Tordesilhas entre Espanha e Portugal em 1480 dava propriedade exclusiva das águas e terras ao sul das Canárias para os portugueses (CASTRO, 2007). Essa disputa de território é discutida por Haesbaert (2007) como uma relação de poder sobre o espaço geográfico. Tal disputa ocorre no sentido amplo de poder, envolvendo os mais diferentes sujeitos sociais. Nesse caso, estavam envolvidos os dois reinos, como também interesses privados nas supostas riquezas que poderiam ser encontradas naquele território.

Os povos que habitavam esse território, hoje conhecido como território brasileiro, eram de diversas etnias e falavam várias línguas, alguns tinham melhores habilidades para trabalhar com o solo, outros faziam artefatos de barro, como é o caso da cultura Marajoara, e havia ainda aqueles que viviam no litoral, de forma que, independentemente de seu grupo étnico, os indígenas não tinham a necessidade de estabelecer limites e fronteiras territoriais. Viviam em comunidades, alguns grupos cultivavam mandioca e às vezes milho, apenas para subsistência, não tinham a prática de armazenar alimentos, se porventura houvesse excedente da lavoura, os produtos eram compartilhados através da troca.

A única propriedade privada eram os artefatos de guerra que pertenciam a uma família ou a um indivíduo. Os portugueses não viam com bons olhos essa forma de viver. Essas características foram consideradas pelos portugueses como motivo para dominação, já que os povos indígenas não eram considerados cristãos. Acreditavam também que os povos indígenas não tinham fé, e, como não tinham legisladores, nem lei e, por não terem um governo supremo, também não tinham um rei. A justificativa da dominação portuguesa era de que precisavam salvar os indígenas de suas ignorâncias, permitindo-lhes conversão à religião cristã e assim livrá-los do inferno. De modo que foi imposta a eles uma legislação que lhes ensinasse, na perspectiva do colonizador, os bons costumes para assim se tornarem seres “civilizados”, permitindo-lhes participar de um reino, neste caso, o da coroa portuguesa (CASTRO, 2007).

Os portugueses tiveram um estranhamento em relação à cultura dos povos encontrados nas terras conquistadas, defendiam que indígenas eram sem cultura. Como vimos até aqui, os registros históricos sobre as relações estabelecidas entre os diferentes grupos e comunidades são relações de conflitos e tensões, no entanto, encontra-se a cultura da dominação europeia sobre os homens e as mulheres indígenas.

Nesse sentido, compreende-se que o conceito de diferença cultural está relacionado ao conflito de pensamentos sob o qual há uma hierarquia estabelecida entre uma cultura e outra, inferiorizando a cultura do outro com o objetivo de legitimar a dominação. Esse pensamento é utilizado para diferenciar o eu do outro, ideia que sustenta a cultura do colonizador para com a cultura do colonizado (BHABHA, 2007).

Esta disputa por território e a dominação cultural se estende até o presente momento, a luta pela preservação do território sempre está na vida do indígena, seja pela invasão dos grandes proprietários de terras vizinhas, ou mesmo outros aventureiros que com documentação falsa buscam se apossar dos territórios (SOARES, DEBORTOLI, 2018). Ressalta-se que nos territórios Akwê-Xerente não foi e não é diferente.

Para os indígenas, o território vai além do pedaço de terra, tem um significado múltiplo que envolve as vivências, a identidade, a cultura de forma individual e coletiva. A relação que estabelecem com a natureza e os espaços de vivências está envolta em um território de saberes e práticas culturais. Quando são desterritorializados de suas terras e territorializados em outras áreas, há um sofrimento psicológico principalmente entre os anciãos devido à forte conexão com o território quanto à sua cultura e tradição (HAESBAERT, 2007).

No território do saber, os indígenas buscam manter a tradição, compartilhando saberes com os jovens através da oralidade. Esses saberes dialogam com os produzidos na academia, contribuindo, assim, para este trabalho interdisciplinar em que território é entendido para além de espaço físi-

co. O pátio da aldeia, por exemplo, que os Akwê-Xerente chamam de *warã*, é um lugar importante de aprendizagem, também é o lugar onde acontecem todas as festas tradicionais, um território que tem o cuidado de manter viva a cultura e o fortalecimento das crenças do povo. Destacamos, também, neste trabalho os saberes sobre alimentação.

Os Xerente dominam várias técnicas de processamento de alimentos como a farinha, ou confecção de farinha de mandioca, beiju, glorada, da massa da massa feita de mandioca, os principais equipamentos utilizados são o forno, ralo (*kupri*), tapiti, (*kupakreze*) *wasde*, (os premedor) peneiras (*kupawamri-ze*). *Wdêkrê* (pilão) *wdê há* (coxa). Existem vários tipos de preparação de comidas tradicionais como, moqueado, assado, cozido, beiju, glorada torrado (N. M. BRITO XERENTE, 2012).

A narrativa demonstra que o conhecimento dos Akwê-Xerente sobre as técnicas e instrumentos tradicionais de preparo de alimentos é variado, e seus saberes culinários também são transmitidos entre gerações por meio da oralidade e da prática comunitária. Mais do que uma atividade cotidiana, a forma como preparam os alimentos integra seu sistema cultural em que articulam técnica, territorialidade e ancestralidade, reafirmando assim que a alimentação é uma expressão de sua identidade cultural.

Algumas aldeias utilizam alimentos industrializados, mas não são recomendados pelos mais velhos e lideranças indígenas. Durante os rituais é garantida esta alimentação natural para os participantes, e dentre esses alimentos há alguns que não são cozidos: “[a]lguns são consumidos sem levar ao fogo para cozinhar tipo buriti, oiti, mangaba, carnaúba, fruta de jatobá, cajá, caju pouca amarelo, puçá amarelo, puçá preta etc.” (N. M. BRITO XERENTE, 2012, p. 3).

O artesanato é outro saber que o povo Akwê-Xerente domina, as mulheres fabricam utensílios domésticos, cestos, entre outros. Seu artesanato é confeccionado da fibra da palmeira (Figura 3) e de capim dourado, materiais que têm importância muito significativa para a sustentabilidade econômica e do conhecimento do povo Akwê-Xerente. A confecção dessa arte visa ao fortalecimento dos saberes do povo Akwê-Xerente em todas as aldeias.

Figura 3. Mulher Akwê-Xerente trabalhando com artesanatos. Processo de fabricação do *skrâ*.



Fonte: dados da pesquisa, 2022.

Para cada artesanato construído tem um significado diferente. Entre eles tem o cofo tradicionalmente confeccionado desde os tempos de nossos avós Akwê-Xerente. Ele é confeccionado para atender as necessidades do nosso povo, sendo utilizado para carregar as coisas de uso dos diários, as frutas, os legumes da roça. Ainda os indígenas utilizam o cofo para carregar crianças pequenas (G. A. BRITO XERENTE, 2012, p. 16).

Referente à cultura dos indígenas da etnia Akwê-Xerente, sobre tudo a festa Dasîpê de nomeação masculina e feminina, iremos detalhar no próximo tópico, apresentando a importância do nome, das pinturas, dos jogos e da identidade cultural dessa etnia.

2. Festa de nomeação masculina e feminina: cultura e identidade Akwê-Xerente

Acreditamos que a festa de nomeação masculina e feminina, Dasîpê, inicia antes da cerimônia da nomeação, tendo em vista que são necessárias a preparação e combinação de como será realizada a festa, a escolha do local da festa e a preparação das competições, entre outras diligências necessárias, como observamos nas narrativas.

Primeiro os anciões, o cacique e o pajé marcam uma reunião para discutir qual aldeia é melhor para a realização do Dasîpê, onde tem mais os materiais da natureza que são necessários, o jenipapo para pintura corporal e o buriti-zeiro para toras de corrida. Assim na reunião é escolhido quatro mensageiros, divididos em pares e cada um dos mensageiros pertence a um clã. Alguns dias antes de começar a festa, dois dos quatro mensageiros ficam dentro da aldeia fazendo o convite para festa e os outros dois vão para o brejo preparar as toras. Primeiro as pequenas e depois as toras grandes, para a corrida do fim

da festa. O preparo se dá na seguinte maneira: os dois mensageiros vão para o brejo e escolhem um pé de buriti; se for para fazer a corrida de tora curta é escolhido um pé de buriti mais baixo e bem maduro, mas se a tora for para ser carregada por dois homens, os mensageiros têm que escolher um pé de buriti bem mais alto e mais maduro, porque dali são feitas duas toras de dois metros e meio. A duração da preparação dessa tora grande é de uns dois dias, porque tem que ser bem-feita (TIKWA XERENTE, 2014, p. 18–19).

Neste sentido compreendemos que todos os preparos, conforme vimos na narrativa, fazem parte do cerimonial tradicional da festa. Cada tora preparada para a festividade tem uma denominação tradicional. A tora grande carregada por dois homens Xerente leva o nome de tora Krãmkrãmi e tem 4 partidos do Darksu. A tora Ĩsitro tem dois partidos, Htâmhã e Steromkwa. Como relatamos acima, o cerimonial da festa começa bem antes, como a reunião dos anciãos para escolha das toras:

Essa tora Krãmkrãmi tem um valor e, antes de tudo, os anciãos se reúnem para organizar a festa do povo Akwê; ali é definida qual a tora será carregada na corrida do final da festa, então ali no pátio da reunião é definida qual a tora será carregada no final da festa se é o Krãmkrãmi. Se for o Krãmkrãmi, vai ter a festa das caças e um grupo de homens vai sair para caçar e essa festa acontece juntamente com a corrida da tora Krãmkrãmi. Assim, quando os caçadores chegarem da caçada vão colocar as carnes no pátio da aldeia e vão ver qual dos jovens pode correr mais rápido para pegar a carne de primeira qualidade (TIKWA XERENTE, 2014, p. 21).

Podemos observar que existe um ritual no entorno das atividades da festa e cada um dos elementos tem um significado distinto para o povo Akwê-Xerente. Além do preparo das toras, do espaço e da alimentação, ainda tem a pintura do corpo que segue também um ritual. Os nomes das pinturas dos carregadores das toras são Htâmhã e Kukãihã, e Amke paru, como podemos observar nas narrativas. O nome original da pintura de Htâmhã é Kukãihã, que significa “casca de jabuti” porque a pintura lembra casca de jabuti. O nome original da pintura de Steromkwa é *Amke paru*, que significa “listra de cobra” porque a pintura parece com listra de cobra (TIKWA XERENTE, 2014, p. 23). Percebe-se que há uma interação do ritual com a natureza, percebida nas pinturas com características de animais.

O ritual da festa Dasîpê é sério, e todas as atividades, mesmo as competições e as músicas, fazem parte deste ritual. Todos os envolvidos nos rituais sabem a responsabilidade deste evento. A definição do nome na festa é a marca de uma identidade, e por este nome a pessoa será identificada até o final da vida, seja menino ou menina. Assim como a pintura, a música está relacionada com a natureza, conforme narrado a seguir:

As músicas do povo Akwê Xerente são uma história muito complexa. Segundo os anciãos contam todas as músicas que estão presentes hoje são ligadas à natureza e também estão ligados à cultura e aos rituais do povo Akwê. Para os Akwê, tudo o que existe na natureza tem dono, como, por exemplo, árvores, aves, água, peixes, animais, noite, dia, abelha e vento (SÔPRE XERENTE, 2015, p. 12).

Para o povo Akwê-Xerente, a festa Dasîpê é um elemento forte da cultura. É um momento em que cada indígena recebe o seu nome e assume a sua história, construindo sua identidade como pertencente ao seu povo. Pode ser considerado como um rito de passagem. Quando a primeira autora recebeu seu nome, se sentiu mais forte, como uma mulher guerreira pronta para defender o seu povo, a cultura e a língua Akwê-Xerente.

Considerações finais

Este trabalho foi construído a partir dos saberes acumulados ao longo das vivências enquanto indígena Akwê-Xerente da primeira autora, assim como fundamentado nas contribuições teóricas produzidas por intelectuais Xerente, e nos estudos no mestrado da primeira autora, contribuindo, dessa forma, para que a comunidade acadêmica amplie seus conhecimentos sobre os costumes, cultura e territorialidade dos Akwê-Xerente. Dentre as práticas culturais abordadas, destacamos os festejos tradicionais do povo Akwê-Xerente, espaços privilegiados de intercâmbio interdisciplinar de saberes entre gerações, especialmente entre anciãos e jovens, marcados pelos rituais de nomeação masculina e feminina, que recuperam e preservam o contexto histórico das pessoas nomeadas e de seus respectivos ancestrais.

Dessa forma, este artigo buscou promover uma reflexão sobre os saberes indígenas, apoiado pelo referencial teórico discutido na disciplina Cultura, Território e Interdisciplinaridade, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Território (PPGCULT/UFNT). Consideramos ter alcançado os objetivos propostos ao apresentar as práticas culturais do povo Akwê-Xerente, especialmente aquelas relacionadas à preparação de alimentos. Cabe ressaltar que tais práticas foram abordadas de maneira mais aprofundada na dissertação da primeira autora (SILVA XERENTE, 2023), onde ela pôde explorar com maior amplitude e detalhamento esses aspectos da cultura Akwê.

Nesse sentido, a preservação da natureza assume múltiplos significados para o povo Akwê-Xerente, pois está diretamente associada à sua sobrevivência alimentar, à saúde coletiva e à continuidade de seu modo próprio de existência. Para os Akwê, a natureza não é um recurso a ser explorado, mas um ente com o qual eles se relacionam de forma harmoniosa, por meio de rituais, práticas religiosas e saberes ancestrais que orientam o uso equilibrado dos recursos e expressam sua concepção de bem-viver.

O território, para os Akwê, transcende a materialidade geográfica: é expressão concreta de resistência histórica, identidade cultural e espiritualidade. A luta por sua preservação integra a vida cotidiana dos Akwê-Xerente e constitui uma dimensão política de afirmação de suas formas de vida. Em tempos marcados por pressões sociais, econômicas e religiosas que ameaçam as tradições dos

Akwê, torna-se urgente fortalecer e valorizar nossos costumes, assegurando que os conhecimentos transmitidos pelos anciãos permaneçam vivos e reconhecidos pelas gerações futuras.

Preservar os costumes dos Akwê-Xerente e manter viva a ancestralidade constitui, portanto, um compromisso coletivo que assumimos também no campo da pesquisa. Ao dialogar com colegas que estudam o povo Akwê-Xerente, buscamos ampliar a visibilidade das vivências, saberes e práticas rituais dos Akwê, como a festa do Dasîpê, foco deste artigo, reafirmando o papel dos pesquisadores indígenas enquanto produtores e produtoras de epistemologias e culturas originárias, que precisam ser reconhecidas e valorizadas no espaço acadêmico.

A participação pessoal da primeira autora no ritual Dasîpê revelou-se de grande importância para sua compreensão acerca das mudanças ocorridas ao longo do tempo. A experiência cotidiana permitiu-lhe perceber como os elementos tradicionais têm se adaptado às influências externas, especialmente às religiosas, impactando a dinâmica do ritual e, por vezes, comprometendo sua forma original. Percebemos a força do Dasîpê como expressão cultural de resistência, apesar das crescentes ameaças de descaracterização. Contudo, reconhecemos a necessidade urgente de pensarmos ações de fortalecimento e valorização dessa festa tão importante para o povo Akwê-Xerente.

Referências

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. (Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BRITO XERENTE, Gilberto Antônio de. *Artesanato tradicional Xerente e artesanato confeccionado atualmente*. Projeto Extraescolar (Licenciatura em Educação Intercultural) – Universidade Federal de Goiás, aldeia Funil (Sakrêpra): Universidade Federal de Goiás, 2012.

BRITO XERENTE, Noemi da Mata de. *Avaliação de alimentação tradicional do povo Xerente. Oficina com os alunos e comunidades da aldeia Boa Vista–Mrãizawi*. Projeto Extraescolar (Licenciatura em Educação Intercultural) – Universidade Federal de Goiás, aldeia Boa Vista (Mrãizawi): Universidade Federal de Goiás, 2012.

CASTRO, Edna. Políticas de ordenamento territorial, desmatamento e dinâmicas de fronteira. *Novos Cadernos NAEA*, v. 10, n. 2, p. 105–126, 2007. doi: 10.5801/ncn.v10i2.100

HAESBAERT, Rogério. Concepção de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K. (eds.). *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 43–71.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. (Tradução de Daniel Miranda, William Oliveira.) Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio / Apicuri, 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. *Liinc em Revista*, v. 1, n. 1, p. 3–15, 2005. doi: 10.18617/liinc.v1i1.186

SILVA XERENTE, Aparecida Pereira da. *Dasĩpê: uma das festas tradicionais do povo Akwẽ-Xerente*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Universidade Federal do Norte do Tocantins, Araguaína: Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2023.

SOARES, Khellen Cristina Pires C.; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Indígenas Akwẽ-Xerente: territorialidade, alteridade, temporalidade, sustentabilidade e lazer. *Athlos: Revista Internacional de Ciencias Sociales de la Actividad Física, el Juego y el Deporte*, v. 14, 2018.

SÕPRE XERENTE, Armando. *Cantos de nomeação feminina e masculina do povo Akwẽ*. Projeto Extraescolar (Licenciatura em Educação Intercultural) – Universidade Federal de Goiás, aldeia Salto (Kripre): Universidade Federal de Goiás, 2015.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Editora Cortez, 1988.

TIKWA XERENTE, Afonso. *A corrida de toras entre os Akwẽ-Xerente*. Projeto Extraescolar (Licenciatura em Educação Intercultural) – Universidade Federal de Goiás, aldeia Salto (Kripre): Universidade Federal de Goiás, 2014.